

Editorial

<https://doi.org/10.22395/csye.v9n17a1>

A *Ciencias Sociales y Educación* é um ato ficcional editorial. O que é uma revista senão o resultado de uma performance escritural? A publicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidad de Medellín, Colômbia, nasceu em toda sua *dýnamis* criativa e acadêmica em 2011. Com a publicação de seu primeiro número em 2012, imaginou um espaço tecido por um geometral de múltiplas expressões, todo um potencial topológico do que a revista poderia devir como aposta no ritual um tanto mágico e obstinado em tempos do marketing editorial.

Assim, a revista vem projetando um conjunto de forças em ação performática, um dispositivo de representação ficcional no teatro das publicações científicas, atuando e evidenciando um gênero localizado no campo das Ciências Sociais e Humanas, regido por um sistema de dominação ritualizado num contexto capitalista. Essas ciências hoje experimentam uma dissolução de seu relato que correspondia ao momento de seu nascimento: o século XIX.

Num mundo em que o *acontecimento* flui, os vínculos e temas que abordam essas ciências já não podem corresponder ao horizonte discursivo de sua tradição epistemológica. Hoje, há novos dispositivos de disciplina e controle que utilizam uma *grammatiké* que faz dos vínculos sociais a estrutura do medo do *contangere* (contato), ainda em tempos de pânico pela presença do outro devido à pandemia da COVID-19. Por isso, o número 17 da revista *Ciencias Sociales y Educación* disponibiliza artigos, traduções e resenhas que permitem compreender a vertigem da condição humana contemporânea, permeada pela proposta estética de Tulio Restrepo, a partir da qual é possível analisar a gramática da sociedade na qual vivemos. É necessário destacar que alguns artigos deste número da revista manifestam o uso da linguagem inclusiva para evitar a generalidade masculinizada (superar o heterossexismo e o falocentrismo no uso da linguagem).

A primeira parte da revista está composta, em sua espacialidade topológica ficcional, por nove artigos. Cinco deles estão relacionados com estudos sobre o corpo e as corporeidades. Os quatro seguintes colocam em contato com o ato pedagógico, em que o ensino desenvolve a *dýnamis* criativa que exige um docente em sua multiplicidade estética nas materialidades afetantes, memórias reflexivas e ensaios performáticos. Os primeiros cinco artigos estão vinculados à Rede de pesquisa dos e a partir dos corpos (*Red de investigación de y desde los cuerpos*)¹ que congrega pesquisadores de diversas disciplinas da Argentina,

¹ Para mais informações sobre essa rede, consulte o link: <http://red.antropologiadelcuerpo.com/>

do Brasil, do Chile, da Colômbia, do Equador, da Espanha, do México, do Peru, do Uruguai e da Venezuela, em um objetivo comum: analisar o papel das corporeidades e do movimento em diferentes contextos da vida social. Para isso, a rede promove espaços de interação acadêmica em eventos, palestras, oficinas, performances e dispositivos audiovisuais. Nesse sentido, vários pesquisadores dessa rede participaram do XI Congresso Internacional de Ciências Sociais e Humanas, em específico da mesa temática “Corporeidade, performatividade e práticas de ensino”, realizado na Universidad de Medellín, de 23 a 25 de maio de 2019. A partir dos resultados da mencionada mesa, foi idealizado um projeto editorial que teria sua materialidade no livro *Cartografías corporales y pedagogías performativas en América Latina* (no prelo) e um espaço nesta revista. Assim, cinco destas palestras integram a primeira parte deste número, textos que seguiram todo o processo editorial em sua conversão em artigos científicos.

O primeiro ato desta parte da revista é representado pelo texto “Materialidades afetantes, memórias reflexivas e ensaios performáticos. Mobilização de saberes encarnados na universidade”, escrito por Silvia Citro e Manuela Rodríguez, com a colaboração de seus grupos de pesquisa da Universidad de Buenos Aires e Rosario (Argentina). Esse artigo condensa vários anos de trabalho no campo dos estudos da performance e apresenta como o ato performativo do ensino requer uma materialidade afetante encarnada nesse outro lugar de ação pedagógica: o espaço universitário argentino. A demonstração cênica da revista continua com “Ensaio fenomenológico experiencial de ensino colaborativo em antropologia das corporeidades”, de Susana Rostagnol e Emilia Calisto, as quais mostram os resultados de uma experiência pedagógica ligada ao curso de Antropologia do Corpo da Universidad de la República de Uruguay. As diretrizes performáticas guiadas a partir da fenomenologia cultural, do *embodiment* e do trabalho de campo como atividade encarnada permitiram que os estudantes desse curso ampliassem o campo de saber antropológico. A terceira cena deste primeiro ato da revista é constituída pelo artigo “A ordem das coisas: mulheres educadoras e desigualdade de gênero no ensino superior”, de Ana Magdalena Solis Calvo. Nesse artigo, mostra-se que o discurso do liberalismo, apoiado na educação concebida como valor fundamental em uma democracia real, é um artifício, porque as mulheres continuam sofrendo exclusão, que está vinculada a uma desigualdade de gênero fundamentada no âmbito social, o que ativa as frentes feministas em luta para (re)semantizar o social a partir do espaço educativo no México.

O próximo ato na cena reflexiva desta edição é “Os corpos ensinantes na sala de aula de Filosofia”, escrito por Janett Tourn Travers. Esse artigo integra o campo do ensino da Filosofia com os estudos sobre o corpo em uma ação performática efetiva na sala de aula, que vê, na subjetividade, o campo corporal em

que os sujeitos são entrelaçados no mundo em convulsão intersubjetiva. Em seu repertório cênico, a revista continua com “Aprendizagens corporais na escola”, escrito por Valeria Sardi, Violetta Vega e Luz Diana Ocampo. Essas autoras apresentam os saberes corporais como lugares de configuração da subjetividade em instituições educativas na Argentina e na Colômbia, no campo do ensino médio e da formação de professores e professoras na trama que configura os processos de apropriação dos saberes corporais em contexto.

As quatro cenas dialógicas que continuam no nosso teatro editorial são expressas em “Educação e pobreza: uma aproximação documental dos processos educativos em ambientes de exclusão e desigualdade social em Chocó, Colômbia”, escrito por Mirsa Chaverra Santos, em que são evidenciadas que as formas de administrar a pobreza presentes no projeto educativo social continuam fundamentando a exclusão e desigualdade social. Nesse sentido, a cena teatral da revista continua com “A autobiografia leitora: uma ferramenta para a construção de sentido no fazer docente”, apresentada por Juan Camilo Tobón Cossio. Esse artigo permite ver como *ser leitor* ilumina uma história de vida em suas contradições, aprendizagens e aberturas no devir do docente em uma sociedade em que os sujeitos são em uma consciência do *eu* que se faz ação no posicionamento crítico, na abertura que ocorre na vivência de um leitor crítico. Essa vivência tem sua espacialidade enunciativa em “A competência discursiva potencializada por meio dos textos multimodais”, escrito por Mary Luz Hoyos Hoyos, Gladys Lucía Acosta Valencia e Solbey Morillo Puente, em que o *logos* que pode ser expresso no sujeito coloca em jogo uma interação no suporte em que hoje nos dissolvemos: a prática social do texto multimodal. Termina esta parte do presente número com o artigo “Desenho e aplicação de estratégias metacognitivas para melhorar a compreensão leitora em estudantes de ensino médio”, escrito por Eliana María Castrillón Rivera, Solbey Morillo Puente e Luz Adriana Restrepo Calderón, que desenvolvem uma pergunta pelo ato educativo a partir de uma estratégia metacognitiva que teve o objetivo de consolidar a compreensão leitora em suas três dimensões: literal, inferencial e crítica para a aprendizagem autônoma, autorregulada e dirigida à formação da subjetividade analítica em tempos de um projeto educativo contraditório.

O ato performático cênico continua com seis traduções do francês ao espanhol. Textos de Bernar Stiegler, Christophe Bonneuil, Jean-Baptiste Fressoz, Guillaume le Blanc, Pierre Zaoui e Yan Moulier Boutang, na voz interpretativa do tradutor Luis Alfonso Palau Castaño. Esses textos nos fazem pensar como a arquitetura social contemporânea vem sendo vinculada àquilo que vem sendo denominado “Antropoceno”, que coloca em cena um não retorno ante o rastro parasitário do humano na Terra. Essas traduções apresentam uma pergunta em comum: como os modos de produção capitalista hoje têm se transformado em

um *locus* de interações simbólicas ligado a um capitalismo cognitivo que instala o corpo como mercadoria de consumo libidinal, no qual somente se torna real em um *design* do medo permanente de intimidade antropocêntrica?

A última cena desta edição está constituída por cinco resenhas nas quais são evocados autores e obras em sua luminescência de efeitos afetivos e de palpitações recíprocas: “Jairo Escobar Moncada”, *A différence anthropologique*, *Pensar na didática*, *A democracia por meio dos direitos* e a provocação estética da obra de Tulio Restrepo, a qual se faz presença *incardinada* na proposta gráfica da revista.

Esperamos que este número da revista *Ciencias Sociales y Educación* incite a experiência sensível de uma leitura que se torna crítica à medida que o leitor compreenda aquilo que é outorgado quando a evidência se faz carne reflexiva para compreender o mundo em que vivemos hoje, ligado a práticas e rituais entrelaçados na ordem biopolítica e na ordem do medo do contato.

Hilderman Cardona-Rodas
Editor